

**A modernidade chegou para jogar bola:
associações esportivas e sociabilidades urbanas (Natal, 1920-1941)**

Márcia Maria Fonseca Marinho *

Resumo: As reformas urbanas que se deram na passagem do século XIX em grandes centros como Paris, Viena, Rio de Janeiro e Recife foram fontes de inspiração às elites natalenses e impulsionaram ações governamentais e privadas em prol da modernização da capital nordestino. A modernidade tão desejada pelas elites locais, que aqui se instalou de maneira tímida, dependente de empréstimos estrangeiros e da boa vontade de particulares interessados no desenvolvimento da cidade. Segundo a elite local para que Natal se tornasse como moderna seria imprescindível que novas sociabilidades urbanas fossem implementadas na cidade. Das muitas tentativas de promover novos hábitos citadinos na população, poucas atingiram vastamente os natalenses como as associações esportivas. De maneira indireta o modismo esportivo movimentou o cotidiano dos natalenses no início do século, cunhando nos moradores da cidade a sensação de que o tempo rugia, e que assim como os músculos dos desportistas, Natal não parava.

Palavra-chave: esporte, cidade, sociabilidade.

Abstract: The urban reforms that took place in big cities like Paris, Vienna, Rio de Janeiro and Recife in the turning of the nineteenth century, were sources of inspiration for Natal's elite, boosting actions from the government, and also private ones, in support of Natal's modernization. The modernity, so desired by the local elite, was installed here in a withdrawn way, dependent on foreign loans and the willingness of individuals interested in developing the city. According to local elite, to make Natal a modern town it would be critical that new modern urban sociability were implemented. Many attempts were made to promote new practices in the city's populations, few have reached the people of Natal as vastly as the sports associations. In an indirect way the sport fever rushed the daily life in Natal at the beginning of the 20th century, implanting in the inhabitants the feeling that time was moving fast and like the athletes' muscles, Natal didn't stop.

Key-words: sports, city, sociability.

A passagem do século XIX para o século XX foi um período marcado pela inserção de novos ritos e ritmos nas principais cidades do ocidente. As reformas urbanas de grandes centros como Paris, Viena, Rio de Janeiro e Recife inspiraram também as elites natalenses e impulsionaram ações governamentais e privadas em prol da modernização de Natal.

Quando falamos em elites não nos referimos apenas aos grupos políticos, intelectuais ou economicamente dominantes, mas de maneira geral a todos esses indivíduos que permeavam as múltiplas esferas da sociedade, compartilhando e difundindo idéias e ações

* Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

semelhantes. As elites, portanto, são aqui entendidas como esses grupos de indivíduos que partilham *status*, baseado em valores e estilo de vida que não estariam, necessariamente, vinculados a posses de bens pecuniários, já que também é possível estabelecer-se perante o grupo por meio da educação ou do prestígio político por exemplo. De forma que não se trata de uma classificação fechada e imutável.¹ Em Natal, esses sujeitos que compunham as elites locais tentavam legitimar seus projetos coletivos por meio das folhas dos jornais, dos estatutos dos clubes e das conferências realizadas periodicamente no Instituto Histórico. Dentre as discussões travadas no seio desses grupos destaca-se sobretudo a intenção de implantar em Natal as raízes do progresso industrial. Esta, por sua vez, se daria com a transformação da paisagem natural, à medida que a tecnologia permitia a correção das falhas topográficas da natureza, transformando obstáculos naturais em favor do homem. Dessa forma, a tão aclamada modernidade, representada pela indústria, pela tecnologia e pelos equipamentos urbanos era entendida pelos contemporâneos, como a única capaz de libertar a cidade de seu isolamento físico, alavancando a economia e o status sociais da capital do estado frente a outros centros do interior.²

Modernizar a cidade para esses grupos significava dotá-la dos chamados melhoramentos urbanos, que consistiam basicamente na implementação de equipamentos urbanos (eletricidade, calçamento, bondes, tubulação de água e esgoto). Assim, modernizar implicava na utilização do saber técnico e dos conhecimentos científicos em favor do bem-estar social.³ Foi então durante o primeiro mandato do governador Alberto Maranhão (1900-1904), que ações administrativas em prol da modernização da cidade se deram de maneira mais incisiva. Dentre as obras públicas inauguradas nesse período podemos destacar a construção de um teatro, a inauguração de um jardim público, a reforma do porto, calçamento de ruas, a implantação de gás acetileno e a construção de *Cidade Nova*, primeiro bairro planejado da cidade. A cidade deveria aperfeiçoar-se usando os conhecimentos da engenharia, mas essa não foi a única ciência a materializar o seu saber no corpo da cidade. A medicina higienista, do século XIX influenciou bastante os contornos que a cidade deveria tomar,

¹ BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 67-97.

² ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O Corpo e a alma da cidade: natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRRN, 2008.

³ A crença na infinita potencialidade do engenho humano, fortificada durante todo século XX, acaba incentivando o homem moderno a travar uma luta contra a natureza. Vencer, através da técnica, os limites impostos pela natureza foi um desafio comprado pelo mundo industrial. Sobre o conflito técnica x natureza ver: HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ditando à administração pública onde deveriam estar localizados os cemitérios, matadouros, hospitais, asilos, fornos de incineração de lixo.⁴

O novo século que batia a porta parecia trazer em si a certeza da mudança, do aperfeiçoamento: o progresso. A crença nesse contínuo avanço da humanidade era quase inquestionável. A chegada do progresso e da civilização era uma certeza compartilhada com entusiasmo pelas elites locais, que contaram com o auxílio financeiro de bancos estrangeiros e verbas federais para dar o pontapé inicial da modernização da cidade. A palavra “civilização”, repetida constantemente nos discursos da imprensa natalense, representava a concretização dos ideais de progresso, prosperidade e superação, sonhados pelos contemporâneos. Civilizar uma nação, ou uma cidade, seria atingir o ápice, o grau máximo na escala evolucionária humana. Pelo menos assim acreditavam os teóricos oitocentistas, usados como fontes de inspiração e como base para os argumentos e intervenções feitas pela elite de Natal. Desse modo, os primeiros sonhos das elites começam a se materializar nas luminárias das ruas, nos bancos das praças e nos concertos teatrais.⁵

Todavia as mudanças na estrutura material, não seriam suficientes para o total sucesso do projeto das elites locais. Pois, ao entender desses uma cidade não seria moderna sem que a sua população soubesse portar-se adequadamente frente aos novos espaços de sociabilidade que aos poucos eram inaugurados. Em suma, os novos usos dos espaços deveriam ser assimilados, assim como novos gostos e hábitos deveriam ser cultivados. Os gostos cultivados pelas elites locais diziam muito mais do que escolhas pessoais desse grupo, a construção de gostos e sensibilidades quando feita de maneira coletiva implicava na aceitação de um determinado estilo de vida em depreciação de outro padrão de comportamento. De forma que, ao definir o que seriam os modelos e regras de comportamento que todos de bom tom

⁴ Sobre as ações administrativas em prol modernização da cidade de Natal nos primeiros anos do século XX ver: OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 1888/1913*. Natal: EDUFRN, 1999; FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. (Org.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal, 1890-1940*. Natal: EDUFRN, 2006; ARRAIS, Raimundo. *O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX*. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2009. [No prelo].

⁵ O processo de modernização de Natal não seria um caso isolado. A injeção de capital estrangeiro, fosse sob a forma de empréstimos bancários ou na construção de vias férreas e complexos industriais, deu-se corriqueiramente em muitas províncias brasileiras, durante toda a segunda metade do século XIX até o eclodir da primeira Guerra Mundial na Europa. Essa inserção brusca de capital estrangeiro fazia parte de um ambicioso projeto de países europeus, em especial Inglaterra, que buscavam a ampliação de seus mercados através da formação de um novo mercado consumidor. Para mais informações sobre a participação estrangeira no processo de modernização do Brasil ver: GRAHAM, Richard. *Britain & the onset of modernization in Brazil: 1850-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972; NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

deveriam seguir a elite estaria inversamente definindo o mau gosto, o chulo e todo tipo de comportamento que não deveria ser mantido.⁶ Somente pela educação dos seus sentidos os natalenses poderiam concretizar a modernização da cidade. Logo se justificam os esforços dos entusiastas do progresso na implantação de sociedades anônimas, clubes e associações que visavam fomentar novas sociabilidades urbanas na cidade. Para esse grupo, a aura do progresso só seria perceptível quando se conseguisse civilizar a população.

Das muitas tentativas de promover novos hábitos citadinos na população, poucas atingiram vastamente os natalenses como as associações esportivas. Os esportes modernos, diferentes dos antigos jogos e brincadeiras de rua, exigiam espaços específicos destinados às suas práticas. Essa necessidade de espaços próprios (estádios, sedes, quadras, pistas e arquibancadas) era uma forte característica do modelo de organização urbana que se buscava construir no ocidente na passagem para o século XX, no qual previa-se a adoção de espaços específicos para diferentes práticas sociais, assim como as normas de conduta e de vestimenta adequados a cada um desses espaços ou eventos. As práticas esportivas, portanto, deveriam seguir a regra, e para cada esporte se exigiam normas, equipamentos e espaços específicos. Durante as décadas de 1910 e 1920 surgem, com a intenção de responder a essas necessidades dos desportistas natalenses, os campos de treinamento de futebol, velódromos, estádio, quadras de tênis, piscinas e sedes para a promoção de eventos sociais dos clubes. Enfim, aos poucos as associações de esporte amador e o poder público tecem nas configurações urbanas espaços destinados a práticas de sociabilidades relacionadas às práticas esportivas. Materializavam-se nesses lugares os desejo de grupos das elites, que sonhavam em ver nascer um novo modelo estético que compusesse a Natal moderna. E, por mais que essas novas quadras, campos e clubes esportivos simbolizassem a chegada de um novo tempo marcado por novos ritmos e hábitos urbanos, eles nem sempre se mostravam eficientes, já que a ausência de fartos recursos públicos e privados levavam aos clubes e entusiastas do desporto muitas vezes a se depararem com a necessidade de improvisos, marca constante da modernização da cidade nesse período.

O improviso, o famoso “jeitinho”, era uma solução paliativa adotada não só em Natal, mas em muitos centros suburbanos. Mesmo em cidades, como o Rio de Janeiro, vemos que pequenos clubes esportivos do subúrbio improvisavam campos de futebol em terrenos baldios

⁶ MONTEIRO, Mauricio. *A construção do gosto: música e sociedade na corte do Rio de Janeiro*. São Paulo: Ateliê, 2008.; GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

e sedes sociais em pequenos galpões.⁷ Em Natal, essas adaptações estruturais são constantes e vão desde a improvisação de espaços para a execução das partidas, à necessidade dos clubes náuticos de utilizarem-se barcas não adequadas ao remo, sem mencionar os ajustes feitos pelos clubes no intuito de abrigar uma platéia nos dias de provas. Esses pequenos detalhes que poderiam passar despercebidos aos nossos olhos são na verdade o indício de que a vontade de mudar as práticas sociais da cidade estavam em muitas ocasiões acima do poder econômico das próprias elites. Muitas vezes, a sensação de modernidades entre os habitantes da cidade se tornava muito mais presente pelo simbolismo das novas práticas sociais e culturais importadas pelas elites, do que pela implementação de uma estrutura material, propriamente, moderna.

As associações esportivas natalenses deixaram outras marcas na cidade, além das modificações materiais. Estas iriam além das sedes dos clubes e das edificações de arquibancadas, trata-se da construção de novas sensibilidades. A euforia das competições, a alegria das comemorações, a leveza da moda esportiva penetravam na no cotidiano dos natalenses que passavam a ver a cidade de uma maneira muito mais dinâmica, veloz. Para muitos dos contemporâneos estava claro que este era o sinal da chegada de novos tempos. Tempos modernos, que traziam a essência da agilidade até mesmo na fisionomia do governador; Juvino Barreto, ele próprio um *sportman*, defendia a importância do desenvolvimento da prática esportiva na cidade. Em seu governo (1928-1930) prestou auxílio financeiro para a construção do *Aero-Club* (que funcionava também como clube esportivo abrigando diversas modalidades de esportes terrestres) e para a construção do primeiro estádio da cidade, inaugurado em 1929.

Os clubes esportivos, organizações fechadas a um número restrito de sócios, não demoraram a fazer parte da gama de interesses de outros grupos sociais, que não tinham vinculação com o clube. O esporte nesse sentido teria um importante papel de integração de hábitos e sensibilidades cultivadas pelas elites locais, o que não significa a total assimilação das idéias das elites. Pelo contrário, esse tipo de embate, mesmo que de maneira indireta, dava margem à troca de experiências e de vivências, que resultavam, normalmente, na formação de identidades coletivas: as torcidas.

À medida que as associações esportivas ampliam suas torcidas e o seu número de sócios, vemos formar-se na cidade identidades coletivas, que dizem respeito não mais apenas ao jogo. As torcidas dos clubes de futebol e remo identificam-se com as associações, com as cores dos times, com as performances dos atletas a tal ponto de gerarem brigas entre amigo,

⁷ PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

discussões de bar e motivo de rompimentos amorosos.⁸ A escolha do time passava a dizer respeito a valores de grupos e a identidades espaciais, de forma que o jogo deixa de ser apenas um entretenimento e passa a exercer também um papel influente nas sociabilidades urbanas da cidade.

A modernidade tão desejava pelas elites locais, que aqui se instalou de maneira tímida, dependente de empréstimos estrangeiros e da boa vontade de particulares interessados no desenvolvimento da cidade, se fazia presente nos novos hábitos esportivos da população. A juventude, símbolo de uma nova época refletia em seus próprios corpos a estética dos novos tempos. Os esportes, nesse sentido, foi um dos elementos compositores da modernidade natalense, agindo diretamente no cotidiano da população, alterando o seu calendário social, seus gostos estéticos e sua percepção de tempo e velocidade. Ajudando os natalenses a se sentirem, enfim, modernos.

BIBLIOGRAFIA:

- ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O Corpo e a alma da cidade: natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.
- ARRAIS, Raimundo. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2009. [No prelo].
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- GRAHAM, Richard. *Britain & the onset of modernization in Brasil: 1850-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MONTEIRO, Mauricio. *A construção do gosto: música e sociedade na corte do Rio de Janeiro*. São Paulo: Ateliê, 2008.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 18889/1913*. Natal: EDUFRN, 1999; FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. (Org.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal, 1890-1940*. Natal: EDUFRN, 2006.
- PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁸ VARIADAS. *A Republica*, Natal, 4 jul. 1916; INDISCRICÕES, *A Cigarra*, Natal, ano 1, n. 2, dez 1928.